



## DO ESTEREÓTIPO À REALIDADE: DESCONSTRUÇÃO DO MITO FUNDADOR DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS NA ESCOLA ESTADUAL MANOEL PASSOS LIMA

**Thiago Henrique Farias Pereira**

Graduando em História pela UNEAL, bolsista do PIBID  
[thiagohfp@outlook.com](mailto:thiagohfp@outlook.com)

**Matheus Araújo Machado de Freitas**

Graduando em História pela UNEAL, bolsista do PIBID

**Samuel Costa Silva**

Graduando em História pela UNEAL, bolsista do PIBID

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo trazer os resultados de uma vivência obtida nas turmas da Educação de Jovens e Adultos da Escola Estadual Manoel Passos Lima, realizada por bolsistas do PIBID do curso de História, na Universidade Estadual de Alagoas - Campus III, onde trabalhou-se o mito de fundação da cidade com os educandos, objetivando desmistificar e quebrar preconceitos em relação aos indígenas, levando para a sala de aula imagens que auxiliaram no debate. Utilizando-se de uma pesquisa bibliográfica o trabalho é norteado por Almeida (2010), Fischer (1992), Freire (1996), Peixoto (2013), entre outros. Essa pesquisa, além da pesquisa bibliográfica, desencadeou uma observação não estruturada na qual os bolsistas conheceram a realidade do alunado e da escola a fim de, logo em seguida, preparar as intervenções e com isso realizar uma observação estruturada e participante.

**PALAVRAS-CHAVES:** Mito, Índio, Imagem.

### Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem como finalidade alfabetizar os estudantes maiores de 18 anos, dando a oportunidade de concluir o ensino básico, essa modalidade de ensino, ofertada na Escola Manoel Passos de Lima onde os bolsistas do Pibid tiveram contatos e elaboraram projetos de intervenção. Como futuros docentes, a experiência obtida com esse contato foi de grande importância por auxiliar na formação, trazendo questionamentos e debates acerca da educação de jovens e adultos.



De início, os primeiros contatos foram de forma não estruturada para assim poder se familiarizar com a realidade da escola e dos alunos. Em seguida, começamos a pensar nos projetos de intervenções possíveis de serem realizados naquela instituição. Com isso, estabeleceu-se uma ponte entre as vivências na Escola e as reuniões e debates na Universidade, com todos os bolsistas e supervisores do subprojeto intitulado “Saberes e Práticas do Ensino de História Afro e Indígena: memória, imagem, oralidade e patrimônio”.

Essa pesquisa-ação adotou como metodologia a pesquisa bibliográfica, utilizando-se de estudos de autores que já trabalharam com o tema abordado para auxiliar na compreensão e desenvolvimento crítico, associado a uma pesquisa de campo na qual os autores observaram e registraram as imagens, existentes na cidade de Palmeira dos Índios, que remetem ao mito de fundação.

No primeiro tópico são abordadas as dificuldades e realidade da modalidade EJA junto com um resumo da intervenção realizada na escola com o tema “Abril Indígena”, atividade realizada em três dias, dos quais nos detivemos no terceiro dia do evento, quando realizamos a exploração do mito de fundação da cidade. O segundo tópico trás os resultados da pesquisa sobre a influência do mito na construção do imaginário popular, tendo o índio como personagem central e como isso contribui para a crescente cristalização do estereótipo, já que boa parte da população utiliza a imagem fantasiosa do índio mítico como ponto de referência quando procura referenciar os indígenas que moram no município.

### **Experiências e constatações sobre a educação de jovens e adultos (eja) na Escola Estadual Manoel Passos Lima**

De acordo com A Lei de Diretrizes Básicas e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) os alunos da educação básica devem cursar o Ensino Fundamental e Médio na faixa etária de seis a dezessete anos. A EJA oferece, aos alunos que passaram dessa faixa de idade sem concluir ou mesmo iniciar esse nível de ensino, a oportunidade de cursar os anos da educação básica, tendo em vista as especificidades e interesses desses alunos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), em seu artigo 37º § 1º garante:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades

2



educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. (LDB 9394/96)

Por conta desse contexto, pode-se observar especificidades no ensino-aprendizagem nessa modalidade de ensino e significantes diferenças com relação a educação básica regular. Cabe, principalmente ao professor, mas também aos demais envolvidos no ambiente escolar, conhecer essas particularidades. Com base na experiência de observação participante, proporcionada pelo PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) na Escola Estadual Manoel Passos Lima localizada na cidade de Palmeira dos Índios, no bairro São Francisco, serão adiante apresentadas as características observadas sobre a EJA.

A primeira dessas singularidades, aqui listada, é decorrente da faixa etária e do contexto socioeconômico nos quais estão os estudantes inseridos; são geralmente adultos que dependem de seu trabalho para sobreviver ou precisam trabalhar para ajudar na renda familiar. A jornada de trabalho durante o dia, comum entre os discentes do EJA, causa um esgotamento físico e mental, o qual interfere no seu rendimento durante as aulas, o que ainda contribui para aumentar a taxa de evasão escolar.

Nas interações, em sala, percebeu-se uma maior participação dos estudantes em atividades nas quais os conteúdos se aproximam do lugar social e do espaço geográfico no qual estão inseridos. Os temas que podem ser facilmente relacionados ao cotidiano dos alunos foram melhor recebidos, proporcionando, assim, diálogos mais produtivos, dando espaço ao protagonismo da fala dos discentes e facilitando o desenvolvimento e aperfeiçoamento das competências e habilidades apresentadas por Delmonico:

Na EJA, os alunos aprendem além das competências e habilidades educacionais, desenvolvem inúmeras competências e habilidades exigíveis no mercado de trabalho, entre elas, a inteligência emocional abordando o relacionamento intra e interpessoal que são trabalhados em atividades e dinâmicas em grupos e individuais, onde se é necessário saber ouvir e falar, se posicionar, aceitar ou não a ideia do outro, saber se relacionar para não causar desentendimentos e, se causar, saber lidar com os mesmos evitando maiores transtornos, mesmo que seja com interferência do coordenador pedagógico, diretor, além do professor da turma e os demais alunos da sala de aula, claro. (DELMONICO, 2018, p. 13)



A partir dessas observações, foram desenvolvidas algumas atividades que abordaram questões referentes a cultura afro e indígena, relacionadas aos objetivos do PIBID e que se adequam a realidade anteriormente apresentada. Um dos temas trabalhados pelos bolsistas do curso de história do Campus III foi a presença e o protagonismo do índio na história.

Utilizando-se do nome do município Palmeira dos Índios, começamos a indagar junto aos alunos os motivos deste nome, o que significava, para eles, a palavra índio, pois ao mesmo tempo em que se encontrava tão presente no dia a dia, passava despercebido por muitos. Os bolsistas buscaram se manter na condição de alunos, como os demais, procurando atingir aquilo que Paulo Freire chamava de “Curiosidade epistemológica”. Segundo Freire:

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a seriedade. [...] quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando “curiosidade epistemológica”, sem a qual não alcançamos o conhecimento do objeto. (FREIRE, 1996, P.13)

Para se atingir essa meta os debates na Universidade colaboraram com o desenvolvimento e entendimento do pensar corretamente, o que para Freire seria utilizar-se da ética na hora de construir as indagações e de tentar chegar a determinadas respostas, mas o “pensar certo, pelo contrário, demanda profundidade e não superficialidade, compreensão e interpretação dos fatos” (FREIRE, 1996, p.19), pois reconhecer a influência da realidade em que se encontra o alunado se faz necessário na compreensão de suas opiniões, onde o professor busca auxiliar no desenvolvimento da autonomia e na construção do pensamento com criticidade.

Sendo assim, os bolsistas realizaram um evento intitulado de “Abril Indígena” na escola em questão, trazendo indígenas da Aldeia Fazenda Canto para apresentar um pouco da sua cultura, auxiliando na quebra dos estereótipos existentes na sociedade urbana a respeito dessas populações. Com isso, tentamos romper com a ideologia dominante que discrimina e tenta extinguir a política de demarcação de terras indígenas argumento e imagem que são colocados na cabeça de grande parte da população não-indígena do Brasil.



Além de receber os indígenas da Aldeia Fazenda Canto, o evento contou com palestras sobre o protagonismo da população indígena na construção do Brasil. Utilizou-se, nessa ação, como bases teóricas as obras de Almeida (2010), intitulada “Os índios na história do Brasil”; de Moreau (2003), intitulada “Os índios nas cartas de Nóbrega e Anchieta” e a obra de Freire e Oliveira (2006) intitulada “A presença indígena na formação do Brasil”. O desafio do trabalho foi construir uma forma de entendimento sobre o indígena na história, utilizando um método que apresente uma aproximação da temática com a realidade do alunado, utilizando metodologias lúdicas para promover o melhor entendimento do tema.

O tema abordado no terceiro dia do evento foi sobre o mito fundador da cidade de Palmeira dos Índios, que descreve a história de amor proibido entre um casal de indígenas, Tilixi e Tixiliá, cuja indígena, Tixiliá, estava prometida ao pajé. O pajé com ciúmes mandou prender Tilixi ao chão e ordenou deixá-lo passando fome e sede. Tixiliá não aguentou ver o sofrimento do amado e foi até ele, mas os guardas os flagraram e avisaram ao pajé que ao chegar às proximidade do cativo, viu a sua amada abraçada ao prisioneiro, para protegê-lo dos raios do sol; tomado pela ira, atirou uma flecha que atravessou o casal de indígenas e exatamente no local onde eles morreram, nasceu uma palmeira, originando o nome da cidade.

Sabe-se que esse mito, criado por Luiz Barros Torres tornou-se muito circulante e presente na região, de tal maneira que foi incorporado ao cotidiano do lugar. Por isso, não pretendemos discutir sua relevância ou existência de alguma base verídica, a questão central da nossa ação é buscar entender as influências deste mito no cotidiano e no pensamento da população de Palmeira dos Índios, o que apresentaremos no próximo tópico, destacando como um mito pode contribuir na criação de uma visão estereotipada de boa parte da população a respeito dos indígenas contemporâneos, habitantes no município.

### **A influência do mito fundador no cotidiano do município**

O fato de Palmeira dos Índios ser rodeada por 9 aldeias indígenas causa diferentes opiniões nos habitantes locais. Existem aqueles que não têm opinião formada sobre o assunto, seja por completo desconhecimento ou pelo fato desses povos não exercerem influência em suas vidas; existem também aqueles que são contra as políticas ligadas aos povos indígenas,



seja por influência da elite local ou por fazerem efetivamente parte dessa elite e existem os indígenas, essa parcela raramente é contactada pelos demais segmentos da população e talvez seja esse o motivo pelo qual são tão mal representados.

O índio influencia Palmeira dos Índios de diferentes formas, desde o nome da cidade até a embalagem de um famoso produto local; a cidade aparenta construir sua identidade com bases numa imagem exótica, onde os nativos locais representam não só uma grande influência, mas também são os responsáveis pela formação de toda a comunidade palmeirense. O principal objetivo da construção identitária do município está diretamente ligado às perspectivas turísticas que poderiam ser geradas e um dos principais nomes desse pensamento foi Luiz Barros Torres.

Torres era um exímio curioso, sendo comerciante, costumava ouvir muitas histórias de seus clientes e como consequência aproveitava as horas vagas para pesquisar a história da cidade. Torres percebia que a formação de Palmeira dos Índios estava ligada a povoações indígenas locais e essa perspectiva poderia ser aproveitada como matéria base na construção da identidade local. Desenvolveu um mito fundador para o município em 1971, seguindo uma linha voltada para os quadrinhos, mas não conseguiu publicar a obra. Somente em 1973, a lenda foi apresentada no livro “A Terra de Tilixi e Tixiliá”, onde foi desenvolvida uma narrativa mítica para a formação da cidade.

O autor descreveu o indígena, em seu livro, com traços estereotipados, mas com características de uma sociedade minimamente organizada, o que contribuiu para desconstruir parte da imagem de selvagem atribuída ao índio. Mas essa construção mítica apresentou falhas que perduram pelos anos seguintes e acabou por construir uma imagem errônea do índio na sociedade local, segundo Peixoto:

As imagens do acervo de Luiz Torres ganham corpo nas concepções dos seus próprios livros como contributos para a constituição de uma identidade urbana para Palmeira dos Índios em sintonia com o processo de urbanização e nacionalização que vinha tomando curso no Brasil e que se intensificou com a criação de Brasília, com a criação do Parque do Xingu e com as primeiras emissoras de TV que veiculavam imagens de um Brasil nascido da miscigenação de brancos, índios e negros. Nesse contexto, o “índio” que já era um símbolo da nação passa a ser usado também como símbolo em Palmeira dos Índios. (PEIXOTO, 2013, p.121)



Palmeira dos Índios, na segunda metade do século XX buscava ser uma cidade moderna, poderosa e influente na região e para alcançar seus objetivos deveria construir uma identidade forte e diretamente ligada à cultura nacional. Quando Luiz Barros Torres criou seu mito fundador, o mesmo teve forte repercussão na mídia local da cidade. O mito romantizado do amor proibido entre Tilixi e Tixiliá passou a ser contado tradicionalmente no desfile de emancipação da cidade, marcou presença em materiais de divulgação do governo municipal e na identidade do comércio local.

A partir do mito, Torres buscou construir a simbologia da cidade, partindo da confecção da Bandeira de Palmeira dos Índios, símbolo oficial do governo municipal, tendo o casal do seu imaginário como figura central, conforme pode ser observado na imagem a seguir:

Imagem 1: Bandeira do município de Palmeira dos Índios.



FONTE: Acervo de Luiz Barros Torres

A imagem 1, apresenta a bandeira de Palmeira dos Índios que carrega o verde das matas que cobrem as serras e planícies nos entornos da cidade, o amarelo das riquezas é representado em faixas verticais e na faixa branca apresenta-se o brasão do município. O símbolo foi desenvolvido por Luiz Barros Torres em conjunto com o advogado José Delfin da Mota Branco; a bandeira tornou-se símbolo da municipalidade em 1966, por meio da Lei Municipal nº 691, sancionada pelo então prefeito José Duarte Marques.

Consta no brasão, no centro da bandeira, uma cruz que representa a implantação do cristianismo através da missão indígena (iniciada em 1773); a palma forrageira representa a agropecuária presente no município, bem como a ilustração dos ramos de algodão e milho; no



topo do brasão observa-se uma coroa encastelada, simbolizando o título de Princesa do Sertão que o município ostentou até os anos 1980. Na imagem, procura-se destacar o casal de índios e a palmeira presentes no Brasão, elementos que enaltecem o mito fundador quando seus significados, diretamente ligados à lenda passam a fazer parte do principal símbolo local; assim, os índios que seguram o brasão representam Tilixi e Tixiliá, já a palmeira representa a árvore que nasceu sob o sangue do casal de índios mortos. De acordo com Peixoto:

sobre a imagem dos índios colocada na bandeira, observam-se os desdobramentos da visão que Luiz Torres construiu do índio. Primeiro a cria uma lenda romantizada envolvendo esse povo, a seguir, quando tem a oportunidade de criar a bandeira, procura eternizar a lenda nesse símbolo oficial, desse modo fez enraizar no cotidiano local a sua visão sobre os Xucuru-Kariri. (PEIXOTO, 2013, p. 93)

Torres buscou, com esse primeiro símbolo, implantar a narrativa que acabou se desenvolvendo no cotidiano da cidade. No momento em que, pouco a pouco, as personagens Tilixi e Tixiliá foram sendo adotados pelos meios governamentais da cidade, sua influência foi sendo construída e solidificada ao ponto de a lenda ser conhecida (não como verdade) mas como algo que verdadeiramente faz parte da cultura indígena. Como consequência, ao questionar os moradores sobre a lenda, a narrativa é tida como sendo de origem indígena, sendo assim, os moradores usam o índio representado no mito como referência para os nativos locais.

Nesse ponto é possível voltar ao pensamento discutido no início do tópico, quando se apresentam as diferentes opiniões, acerca dos índios, formadas pelos moradores locais. Existe, em Palmeira dos Índios, o argumento de que na cidade não existem mais índios puros e os que existem são preguiçosos e não cultivam a terra que ocupam. Um retrato do estereótipo do índio de 1500, ou do índio preguiçoso e cachaceiro descrito por Graciliano Ramos em sua obra “Caetés”. Dessa forma se faz possível uma ligação com os movimentos de demarcação de terras pela FUNAI, e a reação da elite local sobre esses movimentos.

O índio é a identidade de Palmeira dos Índios, mas parece que uma parcela da população decidiu abandonar essa identidade construída por Luiz B. Torres e tantos outros. O índio agora é uma ameaça ao povo palmeirense e, como tal, deve ser apagado da história da





cidade. Em meados de 2013 passou a circular pela cidade um panfleto do “Movimento Palmeira de Todos”, iniciativa da elite local para boicotar a demarcação de terras no município, constava no panfleto a seguinte mensagem:

Movimento pelo impasse causado pela demarcação de terras “supostamente” supostamente indígenas no município de Palmeira dos Índios, várias entidades de classes estão mobilizadas para a realização de um grande ato público denominado “Movimento Palmeira de Todos”.

A mesma cidade que usou do indígena para construir sua identidade, agora procura excluir esses povos da sua história e, com isso, anular os seus direitos. A lenda desenvolvida por Torres não limita sua influência somente a bandeira; é importante destacar outras ações de influência que fizeram parte da história da cidade.



Imagem 2: Analogia ao nome da cidade interligado diretamente com o mito fundador. FONTE: Cada Minuto



Imagem 3: O casal descrito no mito fundador deslocado para o prédio do Campus III da UNEAL. FONTE: Acervo do Autor

A imagem 2 apresenta uma analogia ao nome da cidade, feita a partir de esculturas que foram expostas na entrada da zona urbana. Como se é possível observar, existe uma palmeira, a árvore que cresceu no local de morte do casal Tilixi e Tixiliá, e o casal ao lado da referida planta. Essas esculturas estiveram por pouco tempo em destaque na entrada da cidade, a formação foi destruída e o casal de índios foi deslocado para o prédio do atual Campus III, da



Universidade Estadual de Alagoas. Essa atitude da política local pode ser considerada como resposta ao movimento de distanciamento do indígena na cidade.

Outro ponto a ser abordado no contexto das imagens 2 e 3 é, mais uma vez, o fortalecimento da narrativa mítica de Luiz B Torres no cotidiano da cidade, pondo novamente em destaque a visão do não-índio para representar o indígena local. E esta não foi a primeira vez que se confeccionou uma escultura para representar os povos nativos. Existe na praça Moreno Brandão, no centro de Palmeira dos Índios, uma escultura em bronze, que busca representar os povos Xukuru-Kariri. A escultura foi confeccionada pelo escultor Alexandre Tito a pedido do prefeito Helenildo Ribeiro em 1988.

Na imagem 4, consta a “índia da praça”, que era um desejo de Luiz B Torres que pediu a sua confecção ao então prefeito do município para fortalecer a presença indígena local. Ainda assim, existem controvérsias com os povos locais, “Em entrevistas, alguns anciãos e lideranças da Mata da Cafurna, afirmam que o tipo físico da índia é muito distante do tipo físico do povo nordestino, sobretudo dos indígenas” (PEIXOTO, 2013, p.93-94). Mais uma vez, Torres fortalece a imagem do índio descrito em sua narrativa no cotidiano da cidade, coube é claro, ao artista decidir sobre as formas e características da obra.



Imagem 4: Escultura em bronze localizada na praça Moreno Brandão (conhecida praça do açude). FONTE: Acervo do Autor



Alexandre Tito, provavelmente, utilizou como base para confecção de sua escultura o tipo físico de um típico índio norte-americano ou seguiu a descrição da Iracema, de José de Alencar. É perceptível que essa escolha esteja diretamente atrelada a maior divulgação midiática da imagem do índio norte-americano (visto em mídias populares como filmes de faroeste, séries animadas, marcas de produtos, etc.) que a do nativo local. O índio local não tinha visibilidade midiática e a imagem mais próxima que era gerada na população era a do índio descrito por Torres.



Imagem 2: Ilustração da embalagem da Pipoca Boni. FONTE: COOPERATIVA DE TRABALHO DOS PRODUTORES BONIFÁCIO LTDA

Essa influência é ainda hoje perceptível também na indústria local. A “Pipoca Boni” é o principal produto produzido pela Cooperativa de Trabalho dos Produtores do Bonifácio, indústria localizada em uma comunidade da zona rural de Palmeira dos Índios. O que existe de curioso nesse produto é sua embalagem, onde contém uma ilustração de um casal de indígenas de frente a uma palmeira, mais uma vez fazendo alusão ao nome da cidade e diretamente ligando-o a lenda de Torres; a ilustração do casal é curiosa, pois é perceptível que ambos personagens partiram do mesmo desenho, com apenas alguns detalhes para diferenciar o homem da mulher. Existe também uma padaria no centro da cidade que leva o nome de Tixiliá e diversos outros estabelecimentos comerciais com termos indígenas em suas fachadas. Mesmo que muitos dos proprietários não tenham simpatia com os povos indígenas, utilizam esses termos como forma de atrair turistas.



Dessa forma, é perceptível que a imagem do índio seja tida como uma das identidades da cidade e que existe forte apelo turístico para isso. A sociedade palmeirense tem opiniões conflituosas e divergentes sobre a presença indígena na cidade, hora usa de uma imagem estereotipada desses povos para promover a cultura local, hora nega a presença quando eles se apresentam como ameaça para a elite local. O índio que representa Palmeira dos Índios não é o índio que vive no município, mas o indivíduo que é imaginado pela população, com as características que convêm aos interesses da mídia, da elite e do comércio local.

O mito fundador está presente no verso de cadernos escolares distribuídos pela prefeitura na rede municipal; é encenado em escolas públicas e privadas, principalmente no período de emancipação política e, mais recentemente, a lenda ganhou uma versão mais acessível, um livro ilustrado que foi vendido nas livrarias locais. Para os indígenas das aldeias presentes no município esse mito de fundação não representa a sua identidade.

### **Considerações finais**

As intervenções dos bolsistas do PIBID tinham base no pensamento de Paulo Freire, pois uma das propostas de apresentar a lenda da fundação de Palmeira dos índios aos alunos da EJA, da Escola Estadual Manoel Passos Lima, foi a ideia de incentivar a desmistificação de um mito que permeia o histórico da cidade e interligar o que está presente no cotidiano do alunado com a prática pedagógica. Com essa metodologia foi possível comprovar que os estudantes demonstraram um maior interesse sobre os assuntos abordados.

O que é percebido, tanto pelos bolsistas quanto pelo corpo de professores da escola, é que os alunos das turmas noturnas costumam demonstrar desinteresse sobre as disciplinas, isso é causado por uma série de especificidades desses alunos. O estudante da EJA costuma trabalhar durante o período diurno e como as aulas ocorrem durante o período noturno eles se apresentam mais cansados e desinteressados (é importante destacar que o período noturno representa o momento que o trabalhador costuma dedicar ao descanso, após um longo dia de trabalho). O maior desafio do professor dessas turmas é incentivar ou promover a curiosidade do alunado sobre o assunto que é lecionado.



O mito fundador de Palmeira dos Índios está fortemente presente na vida dos palmeirenses e representa um elemento do cotidiano do lugar. Quanto é apresentada uma proposta tida como complexa, como a desmistificação de uma ideia ou de um conceito tão fortemente enraizado com este, observa-se que devido as especificidades da atividade e a familiaridade dos alunos com o tema, não foram apresentadas grandes dificuldades. O mito é presente na vida dos estudantes e foi a partir daí que apresentamos as atividades para a sua discussão e posterior desmistificação.

O mito influenciou a criação dos símbolos municipais, definiu e divulgou os pontos turísticos, incentivou o comércio e a cultura; essa característica o difere de mitos semelhantes que também poderiam ser abordados. Seria possível desmistificar o mito de Rômulo e Remo, creditado como fundante de Roma, trazendo todas as suas características e como esse mito influenciou o cotidiano da cidade que originou o Império Romano, assim como foi feito com o caso de Tilixi e Tixiliá, mas essa atividade despertaria o interesse do alunado? O Império Romano influenciou o cotidiano do seu tempo e ainda influencia a forma de pensar do Ocidente, mas essa influência não é tão percebida por boa parte da população de Palmeira dos Índios como o mito de Tilixi e Tixiliá.

Provavelmente a parcela da população local que conhece as personagens Tilixi e Tixiliá é maior que a parcela que conhece a história de Rômulo e Remo; existem mais palmeirenses preocupados com as demarcações da FUNAI e como isso influenciará em suas vidas do que com a História de Roma. A estratégia dos bolsistas do PIBID foi apresentar ao alunado uma história que esteja próxima de seu cotidiano e isso não anula a importância das tantas outras histórias que poderiam ter sido contadas, mas que poderiam não ter surtido o mesmo efeito da atividade aplicada.

## Referências

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.



ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História de educação**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1996.  
BRASIL. Decreto – Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 23 de Julho de 2019. Brasil.

DELMONICO, Fábio. **Os desafios para a educação de jovens e adultos na contemporaneidade**– Grupo Athenas, FAP, 2018.

FISCHER, Nilton Bueno. **Uma política de educação pública popular de jovens e adultos**. Revista em Aberto, ano 11, nº 56, Brasília, 1992.

FREIRE, Carlos Augusto da Rocha; OLIVEIRA, João Pacheco de. **A presença indígena na formação do Brasil**. Brasília: SECAD; UNESCO, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MOREAU, Filipe Eduardo. **Os índios nas Cartas de Nóbrega e Anchieta**. São Paulo: Annablume, 2003.

**MUNICÍPIO de Palmeira dos Índios**. Alagoas em Dados e Informações. Disponível em: <http://dados.al.gov.br/dataset/municipio-de-palmeira-dos-indios>. Acesso em: 15 de outubro de 2019.

**OS 126 ANOS de história de Palmeira dos Índios**. Cada Minuto. Disponível em: <https://www.cadaminuto.com.br/noticia/273740/2015/08/20/os-126-anos-de-emancipacao-politica-de-palmeira-dos-indios>. Acesso em: 15 de outubro de 2019.

PEIXOTO, José Adélson Lopes. **Memórias e imagens em confronto: Os Xucuru-Kariri nos acervos de Luiz Torres e Lenoir Tibiriçá**. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

RAMOS, Graciliano. **Caetés**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SANTOS, Luan Moraes dos. **Os Xucuru-Kariri e as elites: história, poder e conflito territorial em Palmeira dos Índios –AL (1979 –2015)**. 2019. 129 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.